

AMOR E PAIXÃO: uma distinção necessária
Maria Helena de Barros e Silva *

Recentemente desenvolvi, no Mestrado de Psicologia Clínica da UNICAP, um estudo sobre as relações amorosas. Nessa produção fiz um percurso teórico sobre o conceito da paixão amorosa em Freud e nas contribuições de diversos autores pós-freudianos sobre este conceito visando, com isto, formular uma nova categoria conceitual da paixão, uma modalidade de expressão passional que denominei Paixão Silenciosa.

Para isto, estabeleci algumas contraposições iniciais; a primeira, no cerne da própria concepção de paixão. De um lado, uma vivência de paixão que se mostra com uma face ruidosa, na qual a desmedida do afeto se expressa por um extrapolamento libidinal, uma anulação de si pela via do enaltecimento do outro enquanto objeto da paixão. De outro lado, a paixão silenciosa, na qual o aprisionamento ao outro não se faz pela via do que habitualmente é nomeado de apaixonamento. Bem ao contrário, na paixão silenciosa não há encanto, fascínio, enebriamento. É uma paixão que não ousa usar seu nome, principalmente para aqueles que a vivem. É uma paixão sem encanto nem magia.

A segunda contraposição - tratar a paixão no campo da psicopatologia - me levou a trabalhar esta noção, filiando-me aos autores que fundamentam a Psicopatologia Fundamental.

Não pretendo desenvolver, nesta comunicação, os caminhos que trilhei na formulação deste conceito. Para isto eu remeto vocês ao livro *Paixão Silenciosa*, recentemente lançado pela Editora Escuta.

Pretendo, hoje, destacar, daquele trabalho, o diferencial que estabeleci entre o conceito de paixão e amor. Esta distinção, não a encontrei formulada em nenhum dos autores que pesquisei. No entanto, para mim ela se fez

* Trabalho apresentado no VIII Encontro Psicanalítico do Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem – CPPL, maio 2002.

necessária, tendo-se constituído como uma contraposição à idéia da impossibilidade do encontro amoroso, se tomado unicamente pela via da paixão.

No texto sobre o Narcisismo, de 1914, no qual Freud faz uma articulação entre a paixão amorosa e o conceito de narcisismo, ele formula o apaixonamento como uma revivência das relações primárias do sujeito infantil, em um encontro que busca recuperar ou reviver as impressões outrora experienciadas.

O que induz ao “amor” é, portanto, o caráter repetitivo, numa manobra que visa, pelo deslocamento, o reencontro com os objetos das primitivas relações do sujeito. O narcisismo, diz Leda da Motta, na Introdução do livro *Histórias de Amor*, de Julia Kristeva, tematiza a instabilidade do objeto amoroso, dando-o por miragem ou reflexo. E ela cita Ovídio, nas *Metamorfoses*: “O objeto de teu amor não existe: esta sombra que vês é o reflexo da tua imagem(...) Ela não é nada em si, é de ti que ela surgiu, é em ti que ela persiste, tua partida a haveria de dissipar, se tivesses a coragem de partir”.

Leda Motta diz, ainda que podemos pensar o amor (a aí penso amor-paixão) como uma metáfora, e, enquanto metáfora, implica em transporte, deslocamento:

“... os apaixonados estão enamorados ou de si mesmos ou de um outro ideal. E nos dois casos hipnotizados. Sujeitos plenos, sim, porque o amor é um sentimento oceânico, mas pleno de seu próprio discurso amoroso. Perfeitamente logrados, em todo caso, não estarão nunca no objeto.”¹

Tributário de uma tradição Romântica, o amor-paixão - busca de uma plenitude perdida, do reencantamento do mundo - será regido, desta forma, pelas instâncias primárias, narcísicas, e moldada pelos ideais, tendo o ego ideal como expressão e modelo de subjetividade. A questão dos ideais é uma conversa comprida; importa, apenas, lembrar que, de acordo com a

¹ Motta, L. T. da Introdução ao livro *Histórias de Amor*. Julia Kristeva. Rio de Janeiro. Paz e Terra

predominância do ego ideal ou ideal do ego, constituem-se subjetividades com possibilidades de contato, com o outro e com o mundo, inteiramente diferentes. O ego ideal, instância primária, onipotente, que não aceita insuficiências nem finitude está na base da constituição das subjetividades narcísicas. Zeferino Rocha traz uma interessante formulação acerca desta distinção, no texto “Desamparo e Metapsicologia²:

“Com o ego ideal, forjado segundo as ambições fálicas, prevalece o modelo de uma subjetividade fechada, na qual o ego se constitui como se fosse sua própria origem e fundamento.Com o ideal do ego temos um modelo diferente tanto de subjetividade quanto de ideal, pois o ideal do ego é uma instância aberta para a alteridade, que leva o ego a reconhecer suas deficiências e a buscar fora de si um ideal, que funciona como apelo e não como exigência, e que está sempre presente no horizonte das buscas e das procuras do sujeito, animando-lhe a caminhada mesmo quando se sabe que o ideal nunca será atingido plenamente.” (p.338)

Seguindo por esta trilha fui levada a formular a paixão e o amor como expressão de afetos regidos por éticas diferentes. Na paixão, a predominância de uma ética totalitária, que podem moldar relações de domínio e da servidão, anulação do outro enquanto alteridade. O fim da paixão, que tem como suporte histórico filosófico o romantismo, é denegar toda e qualquer diferença, na busca de se fazer uno, de nunca entrar em contato com a dor de se saber só. De outro lado, no amor, uma nova posição: reconhecimento da alteridade, do outro enquanto sujeito de um desejo próprio, não apenas pura imagem, construção idealizada com a qual pretendemos o preenchimento das nossas lacunas.

*

² Rocha, Zeferino. “Desamparo e Metapsicologia” in Síntese – Ver. De Filosofia, v.26 n. 86, Belo Horizonte, (1999)

O amor, formulado pela teoria psicanalítica tendo como eixo o narcisismo e os ideais nele dominantes, desta forma expressão do aprisionamento ao obscuro e impossível dos nossos desejos infantis, o encontro amoroso estaria, desta forma, fadado ao fracasso. Neste sentido, o encontro amoroso seria um engodo, já que as escolhas de objeto, na fase adulta, visam reconstituir e reencontrar os “amores” vividos nas relações da primeira infância.

Tematizar uma distinção entre amor / paixão, embora uma construção ainda incipiente, me trouxe a possibilidade de pensar o encontro amoroso que não fosse posto segundo a égide da alienação e do engodo, que não fosse comandado pela idealização do outro e apagamento de si.

Esta concepção de amor, vinculada ao narcisismo - entranhamento do sujeito no próprio eu, tem como suporte a idéia, inserida numa tradição romântica, de um sujeito sempre em busca do paraíso perdido, em busca da plenitude e reencantamento do mundo. Um sujeito em confronto com a sua solidão e dependência, inexoráveis, que o lançam em situações de sofrimento e desamparo.

Embora a condição humana de dependência ao outro, necessária para existirmos, seja inexorável – pura condição do humano - podemos abrir outras janelas, que não aquela que o pensamento Romântico nos oferece, para fazer a leitura sobre o amor, e desta forma não pensar a experiência passional como única forma de expressão do encontro amoroso.

Defendi a posição, no decorrer daquele trabalho, que a paixão é sim, o resultado do entrelaçamento do sujeito na história do desejo infantil e que aí está em causa o narcisismo, o sentimento de vazio de si, o desamparo do sujeito. A paixão seria, portanto, determinada por certas contingências que atingem o sujeito no decorrer da vida, de forma crucial; são estas contingências que vão determinar ao indivíduo, uma margem muito estreita para lidar com certas experiências de separação - as desilusões inerentes à vida - criando impossibilidades dele encontrar formas criativas de lidar com essas limitações e enredando o sujeito no campo das paixões. No entanto, este caminho não seria decorrente de uma condição imanente de confronto com a solidão e a falta. O

conceito de solidão e falta, neste sentido, fazem eco a um desejo de fusão com os ideais parentais, de correspondência a este, dentre tantas outras coisas.

Um dos paradoxos que se colocam para a condição de dependência do ser humano é poder ser *com* o outro, sem nele se perder. É o que Winnicott nos possibilita pensar com o conceito da *Capacidade de Estar Só*. Porque a capacidade de estar só é exatamente esta que resguarda um espaço privado na presença do outro. Isto quer dizer que, frente à relação com o outro, de quem precisará sempre como condição de ser, mantém-se a possibilidade de sustentar o lugar do silêncio, do próprio, sem negar o outro enquanto alteridade; desta forma é possível reconhecer a dependência e, ao mesmo tempo, manter um campo de autonomia. Neste sentido estará resguardada a possibilidade de ser criativo.

Entrelaçar a paixão ao narcisismo nos coloca inúmeras questões, pois, quando se fala de narcisismo, de qual narcisismo se fala? O narcisismo possui *pelo menos* dois matizes: de um lado um narcisismo constitutivo do sujeito, aquele que fornece as bases e suporte da auto-estima, da criatividade, o “narcisismo feliz”, como chama Colette Chiland³. De outro lado, um “narcisismo mortífero”, que produz uma busca compulsiva de repetição do mesmo. As configurações da paixão estão inexoravelmente ligadas ao narcisismo, mas um narcisismo que mantém o sujeito num campo mortífero, fechado nas artimanhas do gozo incestuoso. A predominância deste narcisismo não me parece constitutiva do humano, como algo que lhe seja inerente; ela depende das contingências a qual todo sujeito está submetido. Nesta perspectiva a paixão é um dos destinos – nefasto, com certeza – das possibilidades do sujeito dar conta das suas fragilidades.

Freud, embora não apresente a distinção entre os conceitos de amor e paixão e trabalhe a paixão no campo do narcisismo, fornece-nos algumas peças, alguns caminhos que podemos seguir para formular esta distinção:

Uma destas peças, preciosas, aparece como uma nuance terminológica do conceito da *Verliebtheit*, que encontrei em um comentário de

³ Chiland, C. *Homo Psychanalyticus*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

Zeferino Rocha, em um texto não publicado que antecedeu ao seu livro *Abelardo e Heloísa*. Neste trabalho ele faz um breve comentário sobre o conceito da *Verliebtheit*, traduzindo-o por paixão amorosa e nos chama atenção para o uso do prefixo *Ver*, diante de verbos e substantivos alemães. O uso deste prefixo, sobretudo no vocabulário psicanalítico, aponta sempre para uma “*conotação especial que não é fácil de determinar e implica um certo desvio na significação dos termos aos quais se junta, alterando-lhes o sentido.*” Diz ele, ainda, “*É esse desvio que torna possível a afirmação segundo a qual a paixão pode ser considerada como uma forma de “perversão do amor”.*”

*

Entre o normal e o anormal, expressão do sintoma, doença de amar, a concepção de amor/paixão, nesta vinculação estreita com o narcisismo, com a impossibilidade de tematizar a falta e a castração, se confundem e o amor é assim lançado ao campo do psicopatológico, A indistinção semântica - quando muito as variações de sentido são postuladas pela via das intensidades, como o fez Freud falando de um “*comportamento amoroso completamente normal*” - que se faz entre amor e paixão cria certos impasses teóricos. E assim, não se tem outra saída do que formular, como Leda da Motta, junto com Kristeva, que: “*Todos os discursos amorosos são chamados a tratar do narcisismo, a instalar o amor em nosso território próprio, e a só ultrapassar esse próprio num sublime forjado. Segundo ela, é este o enredo de toda “história de amor.”*”

Embora a sublimação seja uma saída possível para retirar o amor do campo da paixão, com ela não economizamos a referência à variação de intensidades e não podemos fugir da designação de “amores mais normais, menos normais”.

Prefiro aventurar a proposição de uma distinção conceitual entre amor e paixão. A paixão está na via do *pathos*, do excesso e, para encontrar o outro como um sujeito diferenciado, com suas particularidades nem sempre correspondente aos nossos ideais é necessário ultrapassar as nossas lutas internas, nossos demônios particulares, nossos vazios de ser. Entretanto, isto não quer dizer, absolutamente, que o encontro amoroso esteja sempre subordinado

aos ditames dos nossos desejos infantis, de um narcisismo que busca compulsivamente o preenchimento das nossas lacunas. A paixão, esta sim, pode ser compreendida na sua dimensão *pathica*, porta de entrada ao enredo do nosso narcisismo.

Assim como acredito ser importante para ampliação da nossa escuta clínica a diferenciação formulada no campo das paixões – paixão ruidosa / paixão silenciosa (e tantas outras que se possa formular...) penso, também, que a distinção semântica entre paixão e amor como campos conceituais diferentes, regido por posições e éticas diferentes abre novas perspectivas, novos horizontes especulativos e amplia a nossa leitura acerca do das relações amorosas.

Entre o normal e o anormal, expressão do sintoma, doença de amar, a concepção do amor/paixão, nesta vinculação estreita com o narcisismo, com a impossibilidade de tematizar a falta e a castração, se confundem e é assim lançado ao campo do psicopatológico. fica atrelado ao processo analítico e a última palavra sobre o amor, quem a tem é o paciente no divã. Desta forma, porta de entrada para o contato com os sofrimentos da alma, o amor/paixão passa a ser mola propulsora da cura psicanalítica e lá se desdobra.

A psicanálise propiciaria, assim, a morte do “amor”?

O reconhecimento da alteridade, aceitação do outro enquanto sujeito, com limites e imperfeições, mantendo no entanto certa magia, esta a tarefa do sujeito amoroso.

Neste sentido, a solidão não mobiliza desamparo, porque o outro não é negado.

Esta questão nos abriria uma nova conversa comprida, sobre os remanejamentos de Freud produzidos a partir dos anos 20, nos quais ele recoloca a ênfase na força pulsional, permanente, inesgotável, sempre pronta a se reatualizar, exigindo de cada sujeito um esforço permanente de construção. Neste sentido, nem da paixão a psicanálise daria conta, na medida em que

paixão/pulsão seriam conceitos de certa forma sobrepostos. Não nos deteremos nesta questão, temática muito bem formulada por Joel Birman.⁴

No entanto, se mantivermos a sobreposição de conceitos como paixão/amor, não

No entanto, como sugere Inês Loureiro no livro *O Carvalho e o Pinheiro*, Freud é um pensador híbrido pois, embora possua inúmeros conceitos que venham na esteira do pensamento romântico, sua obra não sugere como expressão única do encontro amoroso, segundo me parece, diz respeito a uma certa tradição romântica que está inserida na teoria freudiana

⁴ Joel. *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. São Paulo: Edt. 34, 1997.